



Entrevista exclusiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, ao programa 60 Minutes, da CBS
Palácio da Alvorada, 19 de agosto de 2010
Veiculada em 12 de dezembro de 2010

Jornalista: O senhor lembra o que pensou quando o Brasil foi escolhido para sediar os Jogos Olímpicos de 2016?

Presidente: Eu tinha, eu tinha muitas dúvidas, porque o Brasil sempre foi tratado como se fosse um país de segunda categoria, e nós íamos disputar com Madri, com Chicago e com Tóquio, e sempre havia a ideia de uma cidade de Terceiro Mundo disputar com as cidades de Primeiro Mundo. Nós já tínhamos perdido duas vezes, então nós resolvemos fazer uma campanha muito profissional. Eu conversei com todos os delegados, eu conversei com todos os presidentes, eu conversei com todos os ministros, pedindo o voto para o Brasil. Preparamos, realmente, uma campanha excepcional, e eu acho que isso permitiu que nós colhêssemos o sucesso que nós colhemos. Eu tenho isso como um dos momentos mais emocionantes da minha vida, aqueles cinco segundos em que aquele Presidente do COI pegou aquela carta, até falar o nome do Rio de Janeiro. Foi um momento gratificante. Eu acho que foi importante também para o Comitê Olímpico descentralizar um pouco as Olimpíadas no mundo. O Brasil está entre as dez economias do mundo há muitos anos e era o único país que nunca tinha feito uma Olimpíada. Então, foi bom.

Jornalista: O senhor acha que o Brasil é um país de Primeiro Mundo?

Presidente: Eu, eu... depende do que a gente entende por Primeiro Mundo. O



Brasil tem muitas coisas de Primeiro Mundo e ainda tem muitas coisas de Terceiro Mundo. Os Estados Unidos também têm coisas de Primeiro Mundo e coisas de Terceiro Mundo. Eu acho que o Brasil teve uma evolução extraordinária nos últimos anos. Acho que nós perdemos muitas oportunidades no século XX. Nós não soubemos combinar o crescimento econômico com distribuição de renda, o Brasil durante trinta anos cresceu acima da média mundial, de [19]50 a [19]80, e isso não resultou em uma política de melhorar a vida das pessoas. Nós estamos provando que é possível você crescer, você distribuir renda, você fortalecer o mercado externo, fortalecer o mercado interno, e as coisas melhorem. O Brasil está entrando em um patamar de país de Primeiro Mundo, nós temos muitas coisas de Primeiro Mundo. Nós somos grandes produtores de aviões, grandes produtores de telefonia celular, nós somos o quarto país do mundo na produção de automóveis em 2010, ou seja, perdemos apenas da China, dos Estados Unidos e do Japão. Então, o Brasil tem muita coisa boa. Agora, nós ainda temos muito o que avançar, porque você não desmonta o que foi feito de errado em um século em apenas uma década, é preciso tempo, mas estamos no caminho certo. Eu trabalho com os números de que o Brasil pode, até 2016, se transformar na quinta economia do mundo. Ainda assim, nós seremos um país de Primeiro Mundo e uma parte do país de Terceiro Mundo porque há um desnível entre Sul, Sudeste, Norte, Nordeste e Centro-Oeste. É preciso tornar o Brasil mais justo e mais igualitário em toda a sua totalidade.

Jornalista: Quais foram suas principais conquistas nesses oito anos - quase oito anos - de governo?

Presidente: Eu descobri uma coisa fantástica. O sucesso de um governante está na arte dele fazer apenas o óbvio. Ou seja, a palavra mágica para um governante é fazer o óbvio. É o que todo mundo sabe que precisa ser feito, mas que alguns querem teimar e fazer diferente. Eu cheguei à Presidência da



República depois de muitas derrotas e depois de muita convivência com o movimento social. Então, o que nós estamos colocando em prática no Brasil é o aprendizado de vida que foi construído na luta do movimento sindical, na luta dos partidos, na luta do movimento social, dos Sem-Terra, dos Sem-Teto, do movimento negro, do movimento indígena, ou seja, um pouco de cada coisa nós colocamos em prática no governo. Por exemplo, nós fizemos 72 conferências nacionais para definir parte da política do governo: conferências municipais, conferências estaduais e conferências nacionais. Foram milhares e milhares. Ao todo foram mais ou menos quatro milhões e meio de pessoas, dos mais diferentes tipos: negros, índios, GLTB [LGBT], portadores de deficiência, mulheres, crianças e adolescentes, comunicação, segurança pública. Toda essa gente deu um pouco de contribuição para que nós fizéssemos o governo ter o sucesso que está tendo.

Por exemplo, eu, durante mais de 20 anos, fazia reunião a cada mês com os melhores economistas deste país, e eu nunca tinha ouvido nos debates em que eu participava as palavras “crédito consignado”. Quando eu chego na Presidência, eu descubro que falta crédito para o povo. O pobre não tinha direito de ir a um banco, então era preciso criar uma política especial para que o pobre pudesse ir ao banco. Ele não tinha garantia, o aposentado não tinha garantia. Então o que nós oferecemos como garantia? O pagamento dele, desde que, desde que ele não gastasse mais que 30% do seu salário com empréstimo. Isso colocou no mercado mais de US\$ 70 bilhões para o consumo das pessoas pobres, que não consumiam.

Bem, apenas um exemplo das coisas que eu aprendi e isso veio da sociedade, foi o movimento sindical que me deu essa sugestão. Nós, políticos, temos um defeito: nós, quando somos candidatos, somos humildes; quando somos eleitos ficamos prepotentes; quando somos candidatos ouvimos demais, e quando somos eleitos falamos demais. Eu, então, resolvi com essas duas orelhas, caídas, minhas, ouvir um pouco mais do que falar, e hoje nós estamos



colhendo o resultado dessa relação com a sociedade. Se você me pergunta qual o grande legado que eu vou deixar no meu governo, são dois legados: primeiro, a relação altamente democrática do governo com a sociedade e do Estado com a sociedade; e o segundo, o pobre descobriu que pode chegar à Presidência da República do país. Hoje eles me veem como um deles que chegou lá. Esse é o grande legado: qualquer um pode chegar à Presidência da República, fazer apenas o óbvio e fazer bem feito.

Jornalista: Qual é a sua definição de sociedade civil? Esse termo não existe nos EUA.

Presidente: Veja, a sociedade civil é a sociedade organizada: é o movimento sindical, é Igreja, é OAB, são os pobres que estão dormindo na rua, os partidos políticos, ou seja, são as pessoas todas que participam da evolução da sociedade política.

Jornalista: Ok.

Presidente: Veja uma coisa: faz oito anos que, todo ano, na véspera do Natal, eu me reúno com os catadores de papéis, em São Paulo. Eles não querem mais ser chamados de catadores de papéis, eles querem ser chamados de catadores de material reciclável. E eles não querem sair da rua, eles querem que a gente legalize a profissão deles. E eu participei de uma coisa extraordinária: o banco de desenvolvimento do Brasil, o BNDES, fez um empréstimo para os catadores de papel de 220... ou melhor, R\$ 200 milhões. Eu acho uma coisa extraordinária um catador de papel ter acesso a um banco que, há um tempo, só emprestava dinheiro para rico. Então, eu acho que isso é uma coisa excepcional, de fortalecimento da sociedade civil brasileira.



Jornalista: Quando o senhor chegou ao poder - o senhor veio de uma organização sindical, teve uma educação modesta - muita gente no setor financeiro, homens de negócios, no Brasil e no exterior, estava nervosa porque o senhor era socialista e viraria o país radicalmente para a esquerda. Hoje, essas pessoas são seus maiores aliados.

Presidente: Veja, eu, de vez em quando brinco que foi necessário entrar para presidir o Brasil um metalúrgico com uma formação política socialista para fazer o capitalismo funcionar no Brasil, porque nós éramos uma sociedade de economia capitalista sem capital. Nós não tínhamos crédito, nós não tínhamos financiamento nem para o grande, nem para o pequeno.

Eu vou lhe dar um exemplo. Em 2003, quando eu assumi a Presidência, o Brasil inteiro tinha apenas R\$ 380 bilhões de crédito. Isso era aproximadamente US\$ 200 bilhões. Hoje o Brasil tem R\$ 1 trilhão e 600 bilhões de crédito. Isso é equivalente a US\$ 900 bilhões, ou quase US\$ 1 trilhão. A economia começou a funcionar porque começou a ter financiamento, começou a ter crédito, começou a ter capital de giro. Se você pegar o balanço dos bancos, este ano, os bancos nunca ganharam tanto dinheiro no Brasil como no meu governo. As grandes empresas nunca venderam tanto carro como no meu governo. As empreiteiras nunca ganharam tanto dinheiro como no meu governo. Mas os trabalhadores também ganharam. Há oito anos consecutivos os trabalhadores fazem acordo com aumento de salário acima da inflação. O salário mínimo aumentou em mais de 70%. O pobre começou a comer, o pobre começou a ir a shopping; 34 milhões de brasileiros foram para a classe média, 24 milhões de brasileiros saíram da extrema pobreza. Então, no fundo, no fundo, precisou entrar um metalúrgico com uma formação socialista para ensinar como é que se faz capitalismo neste país.

Jornalista: Como o Brasil foi capaz de evitar a crise financeira? Como o



senhor foi capaz de [fazer o país] sair da recessão tão rápido? Enquanto o resto do mundo estava mal, o Brasil estava se saindo incrivelmente bem. Como o senhor fez isso?

Presidente: Quando, quando você chega ao cargo de presidente da República, você não tem o direito de ficar filosofando sobre as coisas que você tem que fazer. Governar é uma coisa muito prática, as decisões têm que ser muito rápidas. Por exemplo, quando veio a crise do *subprime*, nós já tínhamos criado o Programa de Aceleração do Crescimento, aqui no Brasil. Nós já tínhamos tomado a decisão de que era hora do Estado fazer aquilo que a iniciativa privada não estava fazendo, e construir com a iniciativa privada políticas de financiamento porque havia 25 anos que não se investia em infraestrutura, no Brasil. Então, quando a crise chegou, nós já estávamos em um programa de crescimento. Eu não esqueço nunca: eu imaginava que o presidente Bush ia financiar o sistema financeiro americano. O *Lehman Brothers*, por exemplo, não precisaria ter quebrado se você tivesse feito a intervenção quatro ou cinco meses antes. A cada dia que você demora para tomar decisão, você vai agravando mais a situação porque vai perdendo a confiança da sociedade. Então, aqui no Brasil, nós temos um sistema financeiro público sólido. Nós temos o Banco do Brasil, que financia parte do financiamento brasileiro; nós temos o Banco de Desenvolvimento Nacional [Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social], que tem mais dinheiro que o Banco Mundial; e nós temos a Caixa Econômica Federal, que financia o sistema habitacional e saneamento básico.

O que nós fizemos com esses bancos? Nós, primeiro, tomamos uma decisão de liberar dinheiro do Tesouro, o compulsório, para que os bancos brasileiros pudessem comprar as carteiras dos bancos pequenos que estavam em dificuldade, e os bancos públicos compraram várias carteiras. Eu vou lhe dar um exemplo concreto. O setor automobilístico paralisou, porque para as



peças comprarem um carro novo teriam que vender o carro usado. Não tinha financiamento para carro usado. Então, eu chamei o Banco do Brasil e perguntei ao Banco do Brasil: nós temos condições de financiar carro usado? Eles diziam: “Nós não temos *expertise*”. E quanto tempo demora para vocês adquirirem *expertise*? “Ah, vai muito tempo, Presidente.” Então, eu tomei uma decisão: vamos comprar um banco que tenha *expertise*, e compramos 50% do Banco Votorantim, que era o banco que tinha mais *expertise* em financiamento de carro usado, e resolvemos o problema. E assim, liberamos mais dinheiro para que o BNDES pudesse fazer mais investimento, e tomamos a decisão imediata de desonerar vários produtos: carro, geladeira, máquina de lavar roupa, fogão, material de construção civil, desoneramos tudo. Bom, eu via a imprensa americana, eu via a imprensa europeia, eu via a imprensa brasileira: era a catástrofe, era o apocalipse, o mundo ia acabar. O povo não estava consumindo, o povo estava com medo, porque o povo tinha medo de perder o emprego. No dia 22 de dezembro eu tomei a decisão: eu vou à televisão fazer apologia do consumo. Enquanto a imprensa dizia “o povo está com medo de comprar porque está com medo de perder o emprego e não poder pagar a dívida”, eu fui para a televisão dizer: se você está com medo de comprar porque vai perder o seu emprego, porque você vai perder o seu emprego, você vai perder o seu emprego exatamente se você não comprar. Então, trate de comprar, porque a fábrica vai produzir, o comércio vai comprar, o povo vai consumir e a roda-gigante da economia vai girar. Bem, o que aconteceu? Em março, a indústria automobilística já estava batendo recorde de vendas outra vez; nós vendemos geladeira, máquina, material de construção civil, como nunca. E aí, tomei a decisão de fazer um plano habitacional, de fazer um milhão de casas, um milhão. Parecia impossível, mas estamos fazendo um milhão de casas para as pessoas mais pobres do Brasil com o subsídio do Estado brasileiro.

Então, é nessas horas que o Estado se apresentou. Eu sou contra o



Estado intervencionista, eu sou contra o Estado patrão. O Estado tem que ser, ao mesmo tempo, indutor e regulador; é o que nós fizemos aqui, no Brasil. Agora, quando você olha países importantes, e não tem o controle, não tem limite de alavancagem de crédito, como em um país importante como os Estados Unidos! Bancos alavancavam 35 vezes aquilo que era o seu patrimônio líquido. A economia não pode ir para a frente se eu fico vendendo papel, comprando papel, vendendo papel, e eu não produzo um copo, eu não produzo um sapato, eu não produzo uma gravata. Nenhuma economia sobrevive assim. Então, eu acho... Agora, na crise da Grécia, não é possível que tanta gente informada, que tanta gente importante como na Europa, tanta gente que sabia resolver todos os problemas quando a crise era no Brasil, deixaram a Grécia, um país pequeno, causar um problema enorme na Europa por falta de decisão e porque a questão política local interferia nas decisões. Eu não acho correto, no mundo globalizado, os problemas locais serem tratados com mais importância do que os problemas globais. É preciso tratar, sabendo que uma decisão do Brasil pode afetar o Paraguai, pode afetar o Uruguai. Então, é preciso pensar corretamente. Por isso que eu defendo uma governança global mais forte, com maior poder de decisão e com maior poder de regulação. O meu medo é que nós temos muitos governantes no mundo que acreditaram que o mercado, por si só, resolveria todos os problemas, e já provou que não resolve. É a hora da política e os políticos têm que assumir as suas responsabilidades. Foi para isso que foram eleitos.

Jornalista: O que o senhor está dizendo é que o senhor já tinha um pacote de estímulos em andamento quando a crise chegou, então, não precisava criar um. Já estava obtendo os benefícios de um pacote.

Presidente: Nós já tínhamos, já tínhamos, já tínhamos um grande pacote de investimento na área de gás, na área de petróleo, na área de ferrovia, na área



de rodovia, na área de habitação, na área de saneamento básico. Tudo isso nós já vínhamos fazendo e aumentamos. Por exemplo, nós ainda não acabamos de construir um milhão de casas, mas já fizemos um novo programa de dois milhões de casas para os próximos quatro anos. Por que eu tinha que fazer no meu governo? Porque eu queria deixar dinheiro no orçamento. O orçamento de 2011 será aprovado em 2010, e quem vier a governar o Brasil depois de mim, vai pegar o país numa situação muito mais confortável do que aquela que eu peguei.

Jornalista: Algumas pessoas acham que será difícil manter o bom momento... Alguns acham que o Brasil vai voltar a ser o que era quando o senhor deixar o governo. O senhor acha que o bom momento vai continuar depois que o senhor deixar o governo, no final do ano?

Presidente: Olha, eu não acredito. Tem uma coisa sagrada: nós aprendemos a ter autoestima. Aquilo, aquilo que os americanos têm de muito forte, de acreditar que é possível vencer, que é possível superar obstáculos, hoje nós temos. E uma das coisas de que eu me orgulho é de ter dito ao meu povo que nós não somos cidadãos de segunda classe, que nós somos cidadãos de primeira classe e que nós podemos fazer as coisas. Nós temos que acreditar em nós. Então, as pessoas começam a acreditar. Se um dia você pudesse vir de férias ao Brasil, e puder fazer uma viagem comigo, você ia ver quanta gente pobre que estava predestinada a não ser nada na vida, hoje trabalha em estaleiro, hoje trabalha... Nós temos um programa educacional chamado ProUni, que tem 704 mil jovens pobres da periferia fazendo universidade, 40% negros. Então, a autoestima do povo brasileiro está muito forte, e quem vier depois de mim, quem vier depois de mim terá um outro paradigma. Por exemplo, como é que pode o presidente Lula ser o único presidente do Brasil que não teve diploma universitário e passar para a história como o presidente



que mais fez universidades no Brasil? Que mais fez extensões universitárias? Que mais fez escolas técnicas? Em cem anos, em cem anos a elite brasileira fez 140 escolas técnicas. Em oito anos eu vou entregar 214. Então, o paradigma mudou e as pessoas terão que fazer muito mais do que eu porque o povo está sabendo o que está acontecendo no Brasil.

Jornalista: O senhor vai deixar o governo com quase 80% de aprovação, depois de 8 anos no poder. Como o senhor conseguiu isso?

Presidente: Olha, eu penso... primeiro, o povo brasileiro foi muito generoso comigo porque em momentos difíceis este povo soube compreender o que estava acontecendo no Brasil. Eu mantenho uma relação muito forte com o povo, eu converso muito com ele, eu faço as coisas que eu acho que ele mais precisa que sejam feitas. Eu não perdi a consciência de que quando eu deixar a Presidência eu não vou para Harvard, eu não vou para a Sorbonne, eu não vou para lugar nenhum. Eu vou para São Bernardo do Campo, a 600 metros do sindicato que me criou para a política, e eu sei diferenciar os amigos que eu fiz depois de presidente e os amigos que eu tinha antes. Então, eu sei de onde eu vim e sei para onde eu vou voltar.

Então, eu não perdi de vista quem é o meu povo, e este Palácio aqui é uma coisa muito passageira na minha vida. Portanto, ele não mexeu com a minha cabeça, e eu acho que é isso que o povo compreendeu porque nós transformamos o Palácio do governo, em que antes só entravam banqueiros, príncipes, emires, presidentes, agora entra qualquer pessoa, das mais humildes... Uma vez tivemos uma briga aqui no Brasil porque discutia-se se o cão-guia do portador de deficiência visual poderia entrar em *shopping*, se poderia entrar em metrô, se poderia entrar em igreja. Então, eu fiz uma reunião dentro do Palácio com mais de 500 portadores de deficiência visual com os seus cães, para mostrar para a sociedade que ninguém poderia tirar os seus



olhos para entrar em uma igreja, para entrar no metrô ou para entrar no *shopping*. Se não precisava tirar para entrar no Palácio, por que é que não podia entrar nos outros lugares? Eu acho que esses exemplos vão construindo uma relação de confiança com a sociedade.

Jornalista: O senhor está dizendo que vai voltar para a sua cidade. O que vai fazer lá? Eu não posso acreditar que o senhor não vá se envolver em política, não posso acreditar que vá abandonar o cenário mundial!

Presidente: Não, não. Eu vou fazer política, mas eu tenho clareza de uma coisa: ex-presidente... o Felipe González, primeiro-ministro da Espanha, me disse uma coisa que eu achei... Ele disse que ex-presidente é que nem um vaso chinês. Quando você está na Presidência, no Palácio, você ganha um vaso chinês grande, ele ocupa um lugar de destaque no Palácio. Quando você volta para a sua casa, aquele vaso não cabe em lugar nenhum, você não sabe o que fazer com o vaso chinês. Ninguém sabe o que fazer com um ex-presidente. Um ex-presidente, ele, primeiro, precisa não incomodar quem está presidindo. Um ex-presidente tem que ter a grandeza de saber se portar como ex-presidente, deixar quem foi eleito governar. A pessoa que eu quero que seja presidente é muito competente e, certamente, vai fazer as coisas certo.

Eu quero ajudar a passar, sobretudo para o continente africano e para a América Latina, as experiências bem-sucedidas das coisas que nós fizemos no Brasil. Por isso eu, certamente, não vou parar de fazer política, mas é preciso também saber se as pessoas querem que a gente faça as coisas.

Então, eu vou voltar com a consciência tranquila de que quando eu encontrar um companheiro no bar tomando uma cerveja, eu posso chamá-lo de companheiro e ele vai me chamar de companheiro. Não tem nada, para mim, mais sagrado do que isso e não preciso de nada mais do que isso. Eu já estou com 65 anos de idade quando deixar a Presidência – completo no dia 27 de



outubro – e eu acho que nós temos que dar chance a outras pessoas de crescerem na política, também.

Jornalista: O senhor já foi apontando como um possível futuro Secretário-Geral da ONU. O cargo interessa ao senhor?

Presidente: Não. Por uma coisa muito simples: eu não acredito que um político com as minhas características possa ser secretário da ONU, porque quem manda na ONU, teoricamente, são os presidentes dos países, e o secretário da ONU é um funcionário dos chefes de Estado. Eu fico imaginando se, um dia, um ex-presidente americano for secretário-geral da ONU! É muito difícil! Então, eu acho que a ONU tem que ser dirigida por um burocrata competente, que tenha noção do mundo e que perceba que a ONU não pode continuar como está. A ONU está enfraquecida e desacreditada, a ONU não tem força coletiva, o multilateralismo não funciona. Por isso que nós defendemos uma mudança no Conselho de Segurança; que entre país africano, que entre a Índia, que entre o Japão, que entre o Brasil, que possam entrar outros países, para que as decisões sejam eminentemente multilaterais e que sejam cumpridas. E, hoje, a ONU está muito enfraquecida.

Jornalista: Como o senhor vê as relações do Brasil com os EUA, atualmente?

Presidente: Boas. As relações do Brasil com os Estados Unidos sempre foram excelentes, seja do ponto de vista comercial seja do ponto de vista político. O Brasil tem uma relação estratégica com os Estados Unidos. Nós poderemos ter divergências em um ou em outro ponto, mas eu acho que tanto o Brasil não pode perder a consciência do papel que os Estados Unidos têm no mundo, como os Estados Unidos não podem perder de vista a importância emergente do Brasil, não apenas na América Latina, mas também no mundo.



Eu, no meu governo, eu já fiz duas reuniões [do] continente africano com a América do Sul, e já fiz duas reuniões Oriente Médio-África do Sul, para diversificar as relações políticas no mundo. Porque senão dá a impressão de que quem cuida do mundo são apenas os países que compõem o Conselho de Segurança da ONU, os membros permanentes. E não é justo, não é correto, do ponto de vista político. Por exemplo, a crise do Oriente Médio não pode ser tratada apenas como um problema entre americanos, judeus e palestinos. Tem mais gente que pode contribuir. E enquanto não colocar todo mundo na mesa de negociação nós vamos passar mais um século sem acordo. Ou seja, se não conversar com o presidente da Síria, se não conversar com o Rezbollah, se não conversar com o Hamas, se não conversar com o Ahmadinejad, se não conversar com os judeus que são contra e os a favor, não tem acordo. Eu estou vivendo isso há 30 anos, há 40 anos, não é possível! É preciso mais interlocutores na mesa.

Eu, quando era dirigente sindical, mandava um diretor meu negociar um acordo salarial com uma empresa. Quando eu percebia que esse diretor meu estava entrando em conflito e que não tinha mais possibilidade de acordo eu mudava os interlocutores, eu mudava, colocava gente nova. Porque eu não posso ter ninguém que entre em uma reunião preconcebido a ser contra, se eu quero acordo. E hoje eu fico me perguntando se as pessoas realmente querem paz no Oriente Médio. Eu sei que o povo quer. Mas eu não sei se outras pessoas querem paz no Oriente Médio, eu fico me perguntando. Porque não tem novidade nas coisas, não acontece nada novo, e se não tiver novidade nos negociadores nós vamos ficar nisso mais 50 anos. Eu já estive com o Arafat em Túnis, já estive com o Arafat em Trípoli, já estive com o Arafat e com o Mandela, já estive com o Presidente de Israel várias vezes. Eu já acreditei, nos anos 90, que a gente ia ter paz, e a cada dia piora um pouco. Então...

Jornalista: (inaudível)



Presidente: Ora, veja, veja, primeiro porque eu não tenho procuração para isso. Segundo, eu acho que quem deveria consertar era o Conselho de Segurança das Nações Unidas, estabelecer um padrão, um parâmetro que valeria para os palestinos, que valeria para os judeus, e a ONU exigir que fosse cumprido. Acontece que hoje ninguém respeita decisão da ONU, perdeu credibilidade. Então, eu dizia ao presidente Bush, eu disse ao presidente Obama: quem vai ganhar com o fortalecimento das Nações Unidas são os países mais importantes do mundo, que não vão ter que ficar sozinhos querendo ser os xerifes do mundo. Vamos repartir responsabilidades, apenas repartir para que todos se sintam participantes. Mas é difícil, porque eu acho que as pessoas precisam ter maior dimensão política do quanto é importante a paz. Eu digo todos os dias: eu vivo numa região pacífica. Aqui no Brasil, quando Evo Morales queria brigar pelo seu gás, eu, em vez de brigar com ele, eu disse: o gás é dele. Então, nós temos que negociar sabendo que o gás é dele. Quando o Paraguai queria brigar comigo por causa de Itaipu, em vez de brigar com o Paraguai, eu resolvi dizer: o Paraguai tem seus direitos e o Brasil, como maior economia, tem que atender. Eu acho que é assim que as coisas deveriam acontecer no mundo.

Jornalista: O senhor mencionou o Conselho de Segurança. O senhor acha que o Brasil merece um lugar naquela mesa?

Presidente: Veja, nós somos um país que é a oitava economia mundial, poderemos ser a quinta economia do mundo; nós somos um país que tem a maior reserva florestal do mundo; nós somos um país que tem a maior quantidade de água doce do mundo; nós somos um país de 190 milhões de habitantes; somos o maior país da América Latina. Portanto, eu acho que o Brasil mereceria ter um assento no Conselho de Segurança da ONU. Acho que



a Índia... Como explica ficar fora? Como explica a Alemanha ficar fora? Como explica o Japão ficar fora? Como explica a África do Sul ficar fora? A Nigéria? Ou, quem sabe, o Egito? Eu acho que é isso que nós deveríamos fazer. Infelizmente, infelizmente, queria lhe confessar uma coisa: nós nunca estivemos tão perto de concluir a Rodada de Doha, em 2008, nunca estivemos tão perto, faltava um milímetro. Por que é que nós não concluimos? Por causa da eleição americana e por causa da eleição na Índia, em maio de 2009, e o negociador da Índia era candidato a governador na sua região. Então, nós paralisamos a Rodada de Doha. Eu acho um crime e uma falta de compreensão política, que no auge da crise os presidentes dos principais países do mundo não reabrissem a Rodada de Doha, porque era preciso mais comércio, era preciso mais comércio, e muitos países preferiram privilegiar o protecionismo e a diminuição do consumo, contraditando tudo o que diziam ao longo do tempo.

Jornalista: Quais são suas ambições para o Brasil, o que o senhor quer que ele se torne, numa perspectiva mundial. Onde o senhor gostaria de vê-lo em 10, 20 anos?

Presidente: Olha, nós trabalhamos na perspectiva de 2022. Eu tenho um Ministério que estuda a questão estratégica do que o Brasil deseja ser em 2022, do ponto de vista educacional, do ponto de vista do desenvolvimento e do ponto de vista da sua inserção no mundo. Então, o Brasil, eu penso que tem o papel de ajudar a construir a paz na América Latina e na América do Sul, o Brasil tem responsabilidade. Isso aqui é uma zona de paz. Você participou da guerra de El Salvador. Hoje, hoje a América Latina virou uma região de paz. A África está se construindo em uma região de paz. Hoje tem mais democracia na África do que guerra. Então, eu acho que o mundo precisa se preparar para uma governança global que tenha mais atores, e o Brasil pode contribuir. Eu



acho que o Brasil alcançará um papel importante no mundo nesses próximos dez anos.

Jornalista: O senhor mencionou a paz. O que o senhor acha que os EUA devem fazer em relação a Hugo Chávez?

Presidente: Olhe, eu tive a oportunidade de conversar com o presidente Obama, na primeira vez que eu fui encontrar com ele e, depois, em uma reunião em Trinidad e Tobago, que era preciso que houvesse uma nova relação entre os Estados Unidos e a América Latina, América do Sul, América Central, porque nos anos 60, nos anos 70, havia uma percepção de que aqui, na América Central, na América Latina, as pessoas imaginavam chegar ao poder pela via armada. Por isso tivemos tantos golpes na década de 60, na América do Sul. E hoje nós construímos um processo de democracia na América Latina, com deficiências e com virtudes, mas tem poucos lugares do mundo em que se vive em paz e se exercita a democracia na América... no mundo, como na América Latina.

Eu acho que o presidente Obama e o presidente Chávez precisariam conversar. Eu acho. Acho que ... eu propus até, ao presidente Obama que, em uma reunião da ONU, devesse ter uma outra reunião entre a América do Sul e o governo americano, para que a gente possa efetivamente criar um novo padrão de relacionamento, de parceria, uma coisa mais produtiva, uma coisa mais vigorosa entre Estados Unidos e América do Sul e América Latina. Eu sei que não depende só de um presidente. Eu fiz uma reunião em Trinidad e Tobago, todos os presidentes da América do Sul com o presidente Obama. Foi uma reunião maravilhosa, foi o início de uma conversa, e não prosseguiu, não prosseguiu, lamentavelmente. Eu penso que o meu amigo Obama teve problemas internos – o problema da política de saúde, que demorou muito para ser aprovada no Congresso – e eu acho que não houve tempo para dedicar à



América do Sul. Mas como ele ainda tem dois anos e meio de mandato, eu acho que era preciso dedicar uma forma diferenciada de mudar a imagem que os latino-americanos têm dos Estados Unidos e mudar a imagem que os Estados Unidos têm dos latino-americanos. Seria muito bom para todos nós.

Jornalista: As pessoas no EUA acham que o Chávez é um pouco instável, um pouco louco.

Presidente: Olhe, eu penso que nós temos que ter clareza de que o Chávez, ele teve toda uma formação militar, e ele... durante muito tempo, a cabeça pensava militarmente. O Chávez é um homem que tem convencimento e prova de que dizem que foi o Bush que tentou dar o golpe contra ele. Por essa lógica, justifica o discurso dele. Mas eu acho que nós temos que construir uma outra forma de ver o mundo, a gente não pode ficar brigando a vida inteira. Eu tenho dito para as pessoas que um mandato de quatro anos é tão pouco, que a gente não tem o direito de ficar discutindo coisas secundárias. Eu poderia lhe dizer uma coisa que me deixou um pouco frustrado como ser humano: foi esse caso do Irã. Me deixou um pouco frustrado porque eu tinha conversado muito com o meu amigo Obama, eu tinha conversado muito com Sarkozy, com Angela Merkel, com Gordon Brown. Tem determinada hora que na relação política você não pode terceirizar, porque a relação entre os seres humanos tem uma química, tem uma química. Você precisa olhar no olho das pessoas, você precisa conversar com as pessoas para você ir construindo alguma coisa que permita que se crie uma relação de confiança. Qual era o grande problema dos meus companheiros Medvedev, Hu Jintao, Obama, Sarkozy e Gordon Brown, que são os membros permanentes do Conselho de Segurança? Era que o Irã não iria sentar, que o Irã não queria sentar para conversar. Nós fomos ao Irã, fizemos muitas conversas. O Irã cumpriu exatamente aquilo que foi acordado. Ele manda carta para o Grupo de Viena e, antes de lerem a carta, aumentam



as sanções! Eu, sinceramente, eu não compreendi! Eu, às vezes, fiquei pensando: será que eles acharam que o Brasil não deveria, junto com a Turquia, ter tentado conversar com o Irã? O objetivo não era desmontar a ideia iraniana de construir bomba nuclear? E, portanto, ele teria que sentar com a Agência? Ora, mas nós conseguimos isso, conseguimos colocar prazo, assinamos. Quando eu pensei que o Conselho de Segurança iria ficar agradecido à Turquia e ao Brasil, o que eles fizeram? Era como se você quisesse punir uma criança, e a criança não tivesse cometido erro, estivesse pedindo desculpas. Mas você tinha a determinação de bater. Então, “eu vou bater, porque eu já pensei em bater!” Como é que nós vamos construir paz?

Jornalista: Minha impressão é que o mandaram não se meter, que não era da sua conta.

Presidente: Eu espero... eu peço a Deus que a política não seja tão pequena a esse ponto, de um chefe de Estado ter ciúmes de outro chefe de Estado. Se a política cair nessa pequenez, não vale a pena fazer política. Eu não conhecia o Presidente do Irã. Eu o conheci um dia antes da reunião de Pittsburgh, quando fomos discutir o G-20. E aí eu descobri que ninguém tinha conversado com ele: nem Sarkozy, nem Obama, nem Gordon Brown, nem Angela Merkel. Talvez, o Medvedev. Ora, como é que você pode querer construir um acordo se você não conversa? A arte da política é a arte de conversar, é a arte de tocar, de pegar na mão, de olhar no olho. Não é a internet, não é um *email*, não é... A política é o que nós dois estamos fazendo aqui. Eu estou sabendo se você está sendo sincero comigo pelos teus olhos, e eu tenho certeza que você está sabendo se eu estou sendo sincero nas minhas respostas pelos meus olhos. Então, se tem, se tem quem não pode se corresponder via internet, via carta ou via telefone é político. Político precisa olhar um no olho do outro, porque aí que a gente se conhece, aí é que a gente estabelece acordo. Então, eu penso que



a classe política... Eu estou deixando o mandato, daqui a alguns dias não serei mais presidente, mas eu acho que a classe política precisa exercitar mais a política, exercitar, gostar da política, não terceirizar para a burocracia aquilo que o político tem que fazer, porque senão o político vira refém da máquina. Eu lembro que, uma vez, eu estava com o presidente Obama, e eu dizia a ele: você assistiu um filme chamado Tempos Modernos, do Charles Chaplin, em que a máquina engolia o homem? A máquina do governo engole qualquer homem. Ou você toma conta da máquina, ou a máquina te governa. Porque o governo é que nem uma locomotiva e a máquina é a estação do trem. Ela está parada. Por ali podem passar 500 trens, mas a estação é uma só. Ela está lá, com os seus pilares, com as suas placas, e passam os presidentes, uns gritam mais do que outros, uns falam mais do que outros, mas a máquina continua lá. Fazer essa máquina se adaptar ao estilo de cada governo é quase uma guerra. Eu vivo isso há oito anos no Brasil e aprendi muito, muito como a gente lida com máquina. Porque um burocrata de terceiro escalão, às vezes para um processo durante um ano, e eu acho que esse é um desafio para os políticos. Porque o mandato é de quatro anos. No primeiro ano você não consegue fazer muita coisa porque o orçamento é do governo anterior e você precisa conhecer, ainda, o Palácio. Tudo é novo, você fica deslumbrado com tudo. No segundo ano, você tem eleição. Aí, metade do tempo com a eleição. Aí você tem o terceiro ano para governar. O quarto ano já é de eleição. Então, de um mandato de quatro anos, você tem eleição, você perde um ano, que é o primeiro, em que você pode fazer muita coisa, você nem conhece as pessoas que entram no teu gabinete. Depois você tem eleição no segundo ano e você, na verdade, tem um ano e meio de livre governança. Saber dominar isso é uma arte que a gente não aprende na universidade.

Jornalista: O senhor falou um pouco dos desafios pela frente. Muitos acham, a FIFA acha, que o Brasil está muito atrasado nas preparações para a Copa. O



país vai estar pronto?

Presidente: Olha, primeiro, nós precisamos tomar cuidado com o perfeccionismo europeu, porque tudo o que acontece do lado de cá, no Sul, eles acham que sabem mais do que nós. Agora, quando aconteceu a crise econômica lá, eles sabiam menos do que nós. O FMI sabia cuidar da crise do México, sabia cuidar da crise do Brasil, sabia cuidar da crise asiática, mas os europeus não permitiram que o FMI desse palpite na crise deles. Então, os europeus fiquem tranquilos, que nós vamos fazer a mais extraordinária Copa do Mundo que já foi feita, e queremos mostrar o Brasil do jeito que ele é, para que as pessoas conheçam este país, que tem um povo extraordinário. E, nós vamos ter dia... 2011, Olimpíada Militar; em 2013, Copa das Confederações; em 2014, Copa do Mundo; em 2015, Copa das Américas; e em 2016, Olimpíadas. Ou seja, são praticamente cinco anos com atividades esportivas da maior grandeza e nós queremos fazer o melhor possível. É uma questão de orgulho a gente provar que Olimpíada não é esporte para país rico apenas, que o Brasil tem direito e amanhã a África tem direito, até porque a maioria, a maioria dos atletas que disputam são pobres. Os dirigentes podem ser ricos. Então, o Brasil está preparado. Eu espero que você esteja com a mesma saúde que está agora e eu esteja com a mesma saúde para a gente se encontrar nas Olimpíadas, no Rio de Janeiro, não para conversar política. Para sentar e tomar uma bela cerveja assistindo às Olimpíadas no Brasil.

Jornalista: Parece maravilha. Está bem, foi magnífico. Obrigado.

Presidente: Obrigado a você, querido.

(\$31DHJMP)